

# O PAPEL DOS CONECTORES NA CO-CONSTRUÇÃO DE IMAGENS IDENTITÁRIAS: O USO DO *MAS* EM DEBATES ELEITORAIS

Gustavo Ximenes CUNHA\*

- RESUMO: Este estudo se insere em uma pesquisa mais ampla cuja finalidade é investigar se o estabelecimento das relações de discurso e sua marcação por meio de conectores têm implicações para a co-construção de imagens identitárias. Buscando evidências suplementares para essa pesquisa e adotando contribuições do Modelo de Análise Modular do Discurso, este trabalho estuda o conector *mas* empregado por candidatos a cargos públicos em dois debates eleitorais, um municipal e o outro presidencial. O objetivo é verificar em que medida as ocorrências do *mas* nesses debates, ao sinalizarem manobras discursivas realizadas pelos candidatos, constituem peças importantes no jogo por meio do qual eles (des)constroem imagens identitárias. A análise dos debates revelou que as 55 ocorrências do conector identificadas sinalizam dois grupos de manobras discursivas. Com o *mas* em que o candidato sinaliza manobras de ataque ao adversário (*mas* de heteroataque), é possível a ele tentar construir uma imagem desfavorável do outro e favorável de si. Já com o *mas* em que o candidato sinaliza manobras em que se ataca (*mas* de autoataque), é possível a ele, atacando-se, atribuir a si valores como humildade e modéstia, bem como se antecipar a futuras críticas do adversário, justificando-as.
- PALAVRAS-CHAVE: Conector *mas*. Processo de figuração. Processo de negociação.

## Introdução

Nas últimas quatro décadas, os estudos sobre os recursos linguísticos empregados no trabalho de face (*face work* (GOFFMAN, 2011)) têm obtido resultados relevantes na compreensão do papel dos atos de fala na co-construção de imagens identitárias. Sob o impacto, em especial, das abordagens pioneiras de Lakoff (1977), Leech (1983) e, sobretudo, Brown e Levinson (1987), os estudos sobre a polidez vêm mostrando que há fenômenos lexicais, gramaticais e prosódicos que apenas se deixam explicar pela consideração de fatores sociológicos (face, território, poder, distância social) e

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade de Letras, Belo Horizonte – MG – Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. ximenescunha@yahoo.com.br

pragmáticos (princípio de cooperação e suas máximas, princípio de polidez e suas máximas, atos de fala e suas condições de felicidade). Mas, apesar dos resultados que têm alcançado, essas abordagens e o campo de estudos que com elas se inaugura permanecem, de modo geral, restritos à noção de ato de fala, explorando pouco o papel de outros planos de organização do discurso na construção conjunta de imagens identitárias (cf. TERKOURAFI, 2005; CULPEPER, 2011).

Avançando em relação aos estudos conduzidos no quadro das teorias da polidez, os pesquisadores que adotam a abordagem proposta por Roulet e sua equipe, o Modelo de Análise Modular do Discurso (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), têm evidenciado o papel que diferentes planos de organização do discurso exercem no trabalho de face (ou processo de figuração)<sup>1</sup> (cf. PIRES, 1997; ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; SIMUNIC, 2004; LANNA, 2005; RUFINO, 2011; CUNHA, 2013; TOMAZI; MARINHO, 2014). Entretanto, mesmo com esse avanço, nem sempre se verifica, nessa perspectiva teórica, o interesse em proceder, de modo aprofundado e sistemático, ao estudo de como determinado plano do discurso atua no processo de figuração.

Seguindo a metodologia proposta pelo modelo modular, o estudo desse processo costuma se realizar em algumas etapas. Feita a seleção de uma dada produção discursiva, estudam-se separadamente os planos de organização dessa produção (lexical, sintático, relacional, polifônico, tópico, composicional, periódico, operacional etc.) que exerçam papel de destaque no processo de figuração que nela se desenvolve. Em seguida, realiza-se o estudo desse processo, por meio da combinação das informações previamente obtidas no estudo dos planos de organização do discurso em foco com as informações sobre as faces e os territórios em jogo nesse discurso (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, cap.12). Nessa perspectiva de análise, a finalidade é compreender, de maneira holística, como os interlocutores participam do processo de figuração, gerindo conjuntamente as relações de faces, territórios e lugares, e não como cada um dos planos de organização do discurso atua nesse processo.

Adotando contribuições do Modelo de Análise Modular do Discurso, mas seguindo perspectiva metodológica distinta no tratamento do processo de figuração, este estudo se insere em uma pesquisa mais ampla que vem investigando o papel que nesse processo exerce apenas um plano de organização do discurso, a saber, o plano das relações de discurso (argumento, contra-argumento, reformulação, topicalização, tempo, comentário etc.) e de suas marcas (conectores, estruturas sintáticas etc.) ou o plano da articulação textual. A finalidade dessa pesquisa é verificar se o estabelecimento dessas relações e sua marcação têm implicações para a co-construção de imagens identitárias não em uma dada produção discursiva, mas em diferentes contextos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> No Modelo de Análise Modular do Discurso, utiliza-se a noção de *processo de figuração* e não a de *trabalho de face*. A diferença entre as noções será abordada adiante. Por ora, é suficiente saber que a noção de processo de figuração busca dar conta do modo como os interlocutores fazem a co-construção de imagens identitárias.

<sup>2</sup> Nos últimos anos, utilizando como referencial teórico o Modelo de Análise Modular do Discurso, mas também a Teoria da Estrutura Retórica (MANN; THOMPSON, 1986) em articulação com os trabalhos de Goffman (1973, 2009,

Buscando evidências suplementares para essa pesquisa, este trabalho estuda o conector *mas* empregado por candidatos a cargos públicos em dois debates eleitorais, um municipal (Fernando Haddad (PT) e José Serra (PSDB), em 26/10/2012) e o outro presidencial (Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), em 24/10/2014). O objetivo é verificar em que medida as ocorrências do conector *mas*, ao sinalizarem manobras discursivas realizadas pelos candidatos, constituem peças importantes no jogo por meio do qual eles (des)constróem imagens identitárias. Para alcançar esse objetivo, trato inicialmente dos conectores, revelando seu papel na sinalização de manobras discursivas. Em seguida, aponto em que medida os conectores podem atuar como estratégias discursivas, ou seja, como itens linguísticos relevantes para a negociação de imagens identitárias. Por fim, a partir do quadro teórico esboçado, procedo à análise das ocorrências do *mas* encontradas nos dois debates eleitorais.

### Os conectores e seu papel na sinalização de manobras discursivas

No Modelo de Análise Modular do Discurso, o estudo dos conectores se faz com base, sobretudo, nas contribuições de Ducrot et al. (1980) sobre o papel de conectores como *mais (mas)*, *donc (portanto)* e *d'ailleur (aliás)*, mas também nas contribuições de autores que estudaram os conectores na perspectiva da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1995). Com base nessas tradições de estudos, os conectores seriam itens linguísticos que, ao marcarem uma relação de discurso, limitariam as possibilidades de interpretação sobre as relações por meio das quais o constituinte textual que introduzem se liga a uma informação da memória discursiva (o saber compartilhado pelos interlocutores), indicando, ao mesmo tempo, o estatuto hierárquico (principal ou subordinado) desse constituinte textual (ROULET, 2006; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Os conectores são concebidos, portanto, como itens procedurais ou instrucionais (REBOUL; MOESCHLER, 1998; MOESCHLER, 2005), já que dariam instruções sobre como tratar representações mentais e sobre como compreender a estrutura do discurso.

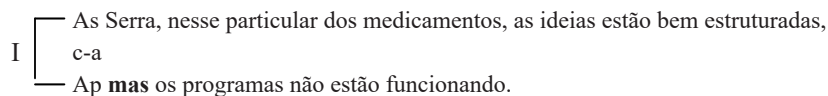
Ilustro essa abordagem com a análise do fragmento abaixo, extraído da fala de Fernando Haddad, protagonista de um dos debates componentes do *corpus* desta pesquisa.

- (1) Serra, nesse particular dos medicamentos, as ideias estão bem estruturadas, **mas** os programas não estão funcionando.

---

2011), venho desenvolvendo estudos que evidenciam o papel de diferentes relações de discurso e suas marcas na co-construção de imagens identitárias, em especial, em debates eleitorais (CUNHA, 2015, 2016a; CUNHA; BRAGA, 2016; CUNHA; MARINHO, 2017), reportagens (CUNHA, 2013, 2014) e documentos oficiais (CUNHA, 2010, 2016b).

No trecho, que constitui uma intervenção (I) do candidato, o conector *mas* marca a relação de contra-argumento (c-a) que liga o ato principal (Ap) *mas os programas não estão funcionando* a uma informação previamente estocada na memória discursiva, cuja origem é o ato subordinado (As) *Serra, nesse particular dos medicamentos, as ideias estão bem estruturadas*. No modelo modular, o resultado da análise da articulação textual ou organização relacional de uma produção discursiva é representado em estruturas hierárquicas, como esta:



Com essa análise, o papel do conector limitar-se-ia a indicar que a informação trazida pelo primeiro ato, uma vez estocada na memória discursiva dos interlocutores, deve constituir um contra-argumento a ser refutado pela informação trazida pelo segundo ato. Centrada nas propriedades instrucionais e estruturais dos conectores e da intervenção em que ocorrem, a análise não evidencia em que medida o conector é um item linguístico articulado ao contexto (ou situação de ação<sup>3</sup>) em que é empregado. Em outros termos, porque se beneficia de tradições teóricas ancoradas seja no estruturalismo (Ducrot), seja no cognitivismo (Sperber e Wilson), a análise dos conectores, no modelo modular, subespecifica seu papel na dinâmica própria de uma dada situação de ação, ainda que o estudo da organização do discurso propiciada pelo modelo modular se filie, por suas bases epistemológicas, à tradição interacionista dos estudos da linguagem (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, cap.2; KERBRAT-ORECCHIONI 1992; VION, 1992).

Para dar conta dos conectores numa perspectiva interacionista, tal como aquela a que o modelo modular se vincula, trabalho com a hipótese, desenvolvida em estudos anteriores (MARINHO; CUNHA, 2015; CUNHA, 2017), de que os conectores, mais que itens instrucionais, são sinalizadores das manobras discursivas operadas pelos agentes:

[...] os conectores são concebidos como sinalizadores das manobras discursivas que cada locutor, em função da situação de ação em que se encontra, é levado a realizar para elaborar intervenções que possam ser consideradas adequadas e completas pelo interlocutor e que permitam a este dar sequência à interação (oral ou escrita). (CUNHA, 2017, p.1704).

<sup>3</sup> Em linhas gerais, conceber o contexto como situação de ação é entender que a interação envolve tanto mecanismos locais de coordenação de ações, quanto representações de natureza sócio-histórica anteriores à produção do discurso. Nesse sentido, o contexto, enquanto situação de ação, é modelado não só por aspectos internos (decisões e escolhas de agentes aos quais é possível atribuir a responsabilidade da ação), mas também por aspectos externos (saberes e valores cultural e historicamente constituídos). Para uma definição aprofundada da noção de situação de ação, cf. Fillietaz (2006), Cunha (2013, 2017).

Central nessa definição de conector é a noção de *processo de negociação*, noção fundamental desde as versões iniciais do modelo modular (ROULET, 1988; ROULET et al., 1985). Conforme Roulet (2003, 2006; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), a interação se caracteriza por um processo em que os interlocutores, com a finalidade de chegarem a um acordo acerca do fim da interação, negociam de forma constante suas contribuições recíprocas. Assim, toda interação se define por um processo de negociação em que os interlocutores iniciam proposições, reagem a elas e as ratificam e em que cada locutor avalia se as intervenções daquele com quem dialoga são suficientemente completas e adequadas para o desenvolvimento da interação. Nesse sentido, toda interação se desenvolve sob uma restrição, a de completude dialógica, que prevê o alcance de um acordo entre os interlocutores:

[...] toda negociação tem sua origem em um problema que dá lugar a uma *iniciativa* do locutor; essa iniciativa pede uma *reação*, que pode ser favorável ou desfavorável, do interlocutor. Se ela é favorável, o locutor pode encerrar a negociação, exprimindo, por sua vez, seu *acordo*. (ROULET et al., 1985, p.15, grifo do autor, tradução nossa).

Mas, caso a intervenção produzida por um dos interlocutores seja avaliada pelo outro como inadequada, mal formada, incompleta ou obscura, eles interrompem o processo em curso e se esforçam por tornar adequada para o prosseguimento da interação a intervenção considerada problemática. Para Roulet, quando os interlocutores, de forma conjunta, buscam tornar uma intervenção suficientemente completa para o desenvolvimento do processo de negociação, eles estão atendendo a uma outra restrição, a de completude monológica.

Como nota Roulet et al. (1985, p.9, tradução nossa), “[...] a estrutura do discurso é amplamente determinada pelas restrições da interação verbal.” Nesse sentido, o desenvolvimento do processo de negociação não é independente da situação de ação em que se desenvolve (cf. nota 3). Em outros termos,

A situação de ação restringe a forma como os interlocutores desenvolvem o processo de negociação e, conseqüentemente, como eles podem iniciar proposições, reagir a elas, detectar e avaliar problemas de completude, contribuir no reparo desses problemas, etc. Nessa perspectiva, a situação de ação restringe quais manobras discursivas são possíveis e quais não são possíveis de ser realizadas pelos interlocutores. (CUNHA, 2017, p.1704).

No debate, gênero estudado neste trabalho, os participantes assumem uma linha de conduta em que sistematicamente apresentam fatos favoráveis sobre si e desfavoráveis sobre o outro, na busca por convencer a plateia formada pelos eleitores. Por isso, o debate exige que os interlocutores se enfrentem, atacando-se mutuamente por meio de ironias, acusações, críticas e mesmo deboches. Nesse gênero, há a permissão implícita

para que os candidatos, de maneira relativamente polida, desmereçam o passado político de um e de outro e não só exponham propostas de governo (AQUINO, 2008; SILVA, 2013; KERBRAT-ORECCHIONI, 2013; CUNHA, 2015).

Por isso, uma característica importante do processo de negociação que se instaura entre os adversários é o não-atendimento à restrição de completude dialógica. Como mostrado em Cunha (2017), porque o debate eleitoral se caracteriza por uma disputa entre adversários políticos, cada candidato, quando toma a palavra, se esforça por mostrar ao eleitor que a intervenção previamente produzida pelo adversário é mal formada e obscura ou baseia-se em dados falsos, ou seja, é inadequada para o desenvolvimento do processo de negociação e não atende à restrição de completude monológica. Agindo assim, cada candidato, após ouvir a intervenção do adversário, abre uma negociação secundária cujo fim é evidenciar a inadequação dessa intervenção. Tendo em vista que toda intervenção produzida por um candidato costuma ser avaliada pelo outro como inadequada, cada bloco de um debate se caracteriza, do ponto de vista do processo de negociação que nele se desenvolve, pela abertura de trocas ou negociações secundárias com função de esclarecimento (CUNHA, 2017). No debate, a interação termina não porque os adversários cheguem a um acordo sobre o fim da interação, atendendo à restrição de completude dialógica, mas porque a emissora de TV põe fim à interação.

Como exposto em Cunha (2017), os conectores atuam de duas maneiras nesse processo de negociação conflituoso. De um lado, um candidato, ao empregar conectores, sinaliza as manobras que realiza para evidenciar que sua intervenção, ao trazer argumentos, refutar contra-argumentos, reformular partes de sua fala etc., é suficientemente completa para o processo de negociação, ou seja, é clara e adequada. Nesse uso, cada candidato emprega os conectores para sinalizar as manobras que lhe permitiriam alcançar a completude monológica.

De outro lado, um candidato marca as relações de discurso com conectores argumentativos, contra-argumentativos, reformulativos, temporais etc., para sinalizar que o oponente, ao elaborar sua intervenção, não foi correto, verdadeiro, honesto, que as propostas de governo apresentadas pelo outro são pouco consistentes, que a intervenção produzida pelo adversário é difícil de ser compreendida ou ambígua, que há contradições entre informações apresentadas pelo adversário e por terceiros etc. Nesse outro uso, os conectores são recursos com os quais cada candidato tenta evidenciar que as intervenções do oponente não atendem à restrição de completude monológica, sendo inadequadas para o processo de negociação.

Em suma, na situação de ação característica do debate, os conectores presentes na fala de um candidato sinalizam as manobras discursivas que realiza para evidenciar que sua fala é adequada para a negociação em curso (atende à restrição de completude monológica) e que a fala do adversário é inadequada para a mesma negociação (não atende à restrição de completude monológica). Considerados como itens que exercem papel de primeira importância no processo de negociação, os conectores podem ser recursos de grande valia na co-construção de imagens identitárias.

## O emprego dos conectores como estratégia discursiva

Antes de tratar do papel que os conectores exercem no processo de figuração, considero pertinente definir a noção de processo de figuração, empregada por Roulet (1981, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), e, ao mesmo tempo, justificar por que, neste trabalho, utilizo essa noção e não a noção mais corrente de trabalho de face (*face work*).

Como exposto na introdução, tradicionalmente o interesse dos estudos sobre trabalho de face e, mais especificamente, polidez está em investigar como elementos de natureza microlinguística (modalizadores, operadores, formas de indeterminação do sujeito, apelativos etc.) atenuam a ameaça que atos como a promessa, a crítica, o oferecimento, o aviso, a ordem etc. representam para as faces dos interlocutores. Na Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987, p.61), as noções de face e território de Goffman<sup>4</sup> são reinterpretadas em termos de face positiva e face negativa, respectivamente:

(a) face negativa: a reivindicação básica de territórios, de preservação pessoal, de direitos a não-distração – i.e. de liberdade de ação e liberdade de imposição.

(b) face positiva: a autoimagem consistente e positiva ou “personalidade” (crucialmente incluindo o desejo de que essa autoimagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interactantes.

Nessa teoria, considera-se que, para evitar que a interação se torne conflituosa, os interlocutores neutralizariam as ameaças às faces por meio do trabalho de face. Proposta por Goffman (2011, p.20), a noção de trabalho de face diz respeito às

[...] ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a fachada [face]. A preservação da fachada [*face-work*] serve para neutralizar ‘incidentes’ – quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada.

Na perspectiva do autor, o trabalho de face trata das ações languageiras e não-languageiras realizadas pelos participantes da interação para reivindicar valores sociais positivos ou manter uma imagem do eu (face) considerada satisfatória para o encontro.

Ao sistematizarem a abordagem de Goffman no campo dos estudos da linguagem, Brown e Levinson (1987) reelaboram o conceito, dando a ele um sentido aproximado, mas distinto daquele proposto originalmente por Goffman. Para os autores, o trabalho de

---

<sup>4</sup> Na abordagem de Goffman (2011, p.13-14), a face diz respeito ao “valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular.” Complementar à noção de face, a de território diz respeito aos direitos que cada pessoa reivindica e à defesa desses mesmos direitos (GOFFMAN, 1973).

face corresponde ao conjunto das estratégias linguísticas que o falante realiza para evitar ou mitigar as ameaças que os atos de fala (*Face-Threatening Acts* – FTA) representam para as faces positiva (face) e negativa (território) do ouvinte. Assim, em Brown e Levinson (1987), a noção sofre um deslizamento conceitual importante, porque, de um lado, é restringida, já que passa a corresponder apenas ao uso dos procedimentos linguísticos (e não de quaisquer procedimentos) que atenuam a ameaça apenas de atos de fala, mas, de outro, é ampliada, já que passa a abarcar as estratégias empregadas na mitigação de ataques à face negativa (e não mais apenas de ataques à face positiva).

No Modelo de Análise Modular do Discurso, Roulet emprega a noção de processo de figuração e não a de trabalho de face. Em seus estudos (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), o processo de figuração diz respeito ao conjunto das estratégias discursivas, pertencentes a todo e qualquer plano de organização do discurso, que são empregadas pelos interlocutores, ao longo da interação, para realizar a gestão das faces, territórios e lugares. Assim, ainda que se apoie nas formulações de Goffman e de Brown e Levinson, Roulet, a meu ver, as ultrapassa, na medida em que, com a noção de processo de figuração, se refere ao processo mais amplo de construção conjunta de imagens identitárias.

Especificamente, para o autor, o estudo desse processo não se limita à descrição das estratégias microlinguísticas empregadas pelo locutor para tornar os atos de fala menos ameaçadores para as faces em jogo, tal como se verifica em Brown e Levinson (1987) e em grande parte da literatura sobre polidez. Esse estudo engloba as estratégias (sintáticas, relacionais, operacionais, tópicas, polifônicas, periódicas, composicionais etc.) que permitem a cada locutor, ao longo da dinâmica interacional, preservar, enaltecer ou atacar sua própria face, defender ou expor seu próprio território, preservar, enaltecer ou agredir a face do outro, invadir o território do outro, dominá-lo, colocando-se num lugar de poder elevado, ou se deixar dominar, permitindo ao outro que se sobreponha na interação. Além disso, Roulet trabalha com discursos extensos (não reduzidos a atos de fala isolados), autênticos (não produzidos pelo analista), monológicos e dialogais, literários e não-literários, como trechos de romances, conversas telefônicas, interações em livrarias e agências de viagem, cartas, trechos de peças de teatro e de filmes etc. (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; ROULET, 2001).

Porque a noção de trabalho de face, tal como se consolidou a partir de Brown e Levinson, é redutora, por estar centrada, essencialmente, na noção de ato de fala e na análise de atos isolados e geralmente fabricados pelo analista, bem como nas estratégias empregadas pelo locutor para amenizar o grau de ameaça dos FTAs (cf. CULPEPER, 2011; KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, 2005, 2006, 2013; LEECH, 2014), adoto a noção mais abrangente de processo de figuração.

No que se refere às relações de discurso e às suas marcas, como os conectores, as indicações disponíveis na literatura sobre seu papel no processo de figuração são pontuais e pouco sistemáticas, não podendo, por isso, ser reunidas em uma teoria única ou oferecer uma visão ampla e de conjunto acerca do fenômeno. Em Brown e Levinson (1987), algumas estratégias para tornar os atos menos ameaçadores lançam



mão da articulação de orações e de suas marcas. Um exemplo é a estratégia de indicar relutância para a realização do ato. Com essa estratégia, o falante evidencia para o ouvinte que não quer importuná-lo: “Eu não quero interromper você, mas [...]” (BROWN; LEVINSON, 1987, p.188). Na parte final da obra, há ainda uma seção em que os autores, com apoio na Análise da Conversação, reconhecem que os atos não existem isolados uns dos outros, mas atuam articulados na estrutura do discurso. Porém, nessa seção, os autores oferecem basicamente uma indicação para estudos futuros, apontando uma área de interesse para a Teoria da Polidez, e não procedem a um estudo sistemático. Assim, em Brown e Levinson (1987), o papel que as relações de discurso e suas marcas podem ter no trabalho de face é apenas sugerido, sobretudo, pelos exemplos apresentados, não sendo objeto de um estudo detido, tal como o que é dispensado aos atos de fala indiretos ou aos *hedges*.

Apoiando-se, em especial, na Teoria da Polidez, de Brown e Levinson, e em versões iniciais do Modelo de Análise Modular do Discurso (ROULET et al., 1985), Kerbrat-Orecchioni (2005, 2006) evidencia que os atos de fala não atuam de forma isolada, mas se articulam em estruturas hierárquicas, podendo um ato de fala principal estar ligado a outros, cuja função é a de preparar, justificar, reformular o ato principal. Porém, a autora não propõe um estudo sistemático do papel da articulação textual no processo de figuração, limitando-se a chamar a atenção para o papel de suavizadores que alguns atos, como os preliminares ou concessivos, podem exercer em relação a um ato principal. Na Semântica da Enunciação, Ducrot (1987, 2005), também evidenciando que os atos não se acham isolados, observa que construções concessivas e conectores como *mais (mas)* ou *donc (portanto)* exercem papel relevante no modo como o locutor constrói sua imagem (seu *ethos*). Tratando da concessão, ressalta o autor: “[...] ela permite melhorar a imagem que o orador dá de si em seu discurso. O orador assume o ar de um homem sério, portanto confiável, porque, antes de escolher sua posição Z, ele também dá atenção às objeções possíveis contra Z.” (DUCROT, 2005, p.29, tradução nossa).

Em perspectiva teórica distinta (Funcionalismo), mas obtendo resultados semelhantes aos dos autores mencionados, Oliveira (2005), trabalhando com dados do NURC, revela o papel das orações condicionais na amenização da agressividade das orações com que co-ocorrem, orações que, no nível pragmático, são atos ameaçadores das faces positiva e negativa, como críticas e oferecimentos. Também investigando dados do NURC, mas com base em contribuições teóricas da Semiótica Discursiva, Barros (2008) aponta o papel que as adversativas introduzidas pelo *mas*, ao lado de negações e modalizadores, exercem na construção de uma imagem negativa do destinatário. Segundo Barros (2008, p.99), “Com esses procedimentos, o destinador mostra que se distancia do destinatário, que não se interessa pelo que ele diz ou mesmo que dele discorda.”

Como se pode perceber com a amostra de trabalhos sucintamente apresentados, as indicações disponíveis acerca do papel das relações de discurso na construção conjunta de imagens identitárias seguem orientações teóricas distintas e se concentram no estudo pontual de uma ou poucas relações de discurso. Por isso mesmo, não há uma teoria que, à

maneira das teorias da polidez centradas nos atos de fala (BROWN; LEVINSON, 1987; BROWN, 2015; LAKOFF, 1977; LEECH, 1983, 2014; KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, 2006; FRASER, 1990; KASPER, 1990; TERKOURAFI, 2005), explique, de modo global e abrangente, o papel das relações de discurso no processo de figuração.

Porém, conceber os conectores como sinalizadores do processo de negociação que se instaura entre os interlocutores, tal como proposto no item anterior, abre caminho para compreender, de forma ampla, de que maneira os conectores podem atuar como uma estratégia discursiva importante no processo de figuração. Isso porque, em qualquer situação de ação, sinalizar com um conector a realização de uma manobra discursiva, como refutar o argumento do outro ou reformular partes do discurso, pode ter impacto na negociação de imagens identitárias.

Num debate eleitoral, o locutor que realiza a manobra de refutar o argumento do interlocutor pode obter o efeito de atribuir a ele valores sociais negativos (leviano, mentiroso, incapaz, desumano etc.), bem como atribuir a si valores sociais positivos (prudente, sincero, humano, competente etc.). Ao sinalizar essa manobra com um *mas*, por exemplo, o candidato dá destaque para a manobra, na expectativa de que o espectador (alvo de suas intervenções) compreenda seu esforço por revelar que a intervenção do adversário não atende à completude monológica e que, por isso, este não possui os valores sociais considerados necessários a um gestor público, não podendo ser eleito para o cargo em disputa.

Nesse sentido, as noções de *processo de negociação* e de *processo de figuração* são, em grande medida, complementares. Isso porque a co-construção de imagens identitárias (processo de figuração) tem impacto sobre a maneira como os interlocutores desenvolvem e marcam, por meio de conectores e estruturas sintáticas, o processo de negociação. Para demonstrar o papel de primeira importância que um conector pode exercer no processo de figuração, retomo o trecho do debate entre Haddad e Serra analisado anteriormente:

- (2) Serra, nesse particular dos medicamentos, as ideias estão bem estruturadas, **mas** os programas não estão funcionando.

Antes do trecho, Serra havia listado as políticas públicas que alega ter realizado em prol da saúde, quando foi prefeito de São Paulo (*Quando eu cheguei a Prefeitura a distribuição [de medicamentos] estava praticamente paralisada. [...] Criamos o remédio em casa, que foi uma coisa muito importante e vamos fazer agora a cesta de medicamentos para o idoso, além de ampliar o remédio em casa*). Do ponto de vista do processo de negociação, o trecho produzido por Haddad tenta mostrar aos interlocutores que a intervenção produzida pelo adversário não foi adequada para o desenvolvimento desse processo, na medida em que não teria trazido informações compatíveis com a realidade. Assim, após Serra afirmar que implantou programas que melhoraram a saúde da população de São Paulo, Haddad retoma o argumento do adversário (ato à esquerda do *mas*) para refutá-lo (ato encabeçado pelo conector), alegando que os programas não

estão funcionando. Com o emprego do *mas*, o candidato sinaliza a manobra linguageira de criticar a negligência ou a incompetência do adversário em sua vida pública.

Do ponto de vista do processo de figuração, as implicações para as faces são evidentes. Ao sinalizar com o *mas* a manobra de criticar a incompetência do adversário, Haddad ataca a face do outro, ao comprometer a imagem de gestor público eficiente que este tentou construir em sua intervenção, bem como seu território, ao revelar informações – a insuficiência de programas de governo – que o outro poderia querer ocultar dos eleitores. Ao mesmo tempo, Haddad valoriza sua própria face, ao se apresentar como um candidato que conhece a realidade de São Paulo e dos programas em funcionamento e que, ao atacar a face do outro, o faz de modo polido e reconhecendo seus méritos (*as ideias estão bem estruturadas*), para melhor refutá-los (*mas os programas não estão funcionando*).

Neste item e no anterior, expus o referencial teórico que orientou o estudo de um *corpus* formado por dois debates eleitorais. No próximo item, apresento e discuto os resultados das análises, que investigaram o papel do *mas* e das manobras discursivas por ele sinalizadas no processo de figuração desenvolvido pelos candidatos participantes dos debates.

## O uso do *mas* em debates eleitorais

Como informado na introdução, o primeiro debate estudado foi protagonizado por Fernando Haddad (PT) e José Serra (PSDB), em 26/10/2012, no segundo turno da campanha eleitoral pela prefeitura de São Paulo, e foi transcrito e publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, no dia posterior ao do debate. Já o segundo debate foi protagonizado por Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), em 24/10/2014, no segundo turno da campanha pela Presidência da República, tendo sido transcrito e publicado pelo portal G1. Os dois debates foram promovidos pela mesma emissora de TV, a Rede Globo<sup>5</sup>. Nos dois debates, foi encontrado um total de 55 ocorrências do conector *mas*, como exposto na tabela 1.

**Tabela 1** – ocorrências do conector *mas*

Candidatos	N	%
Aécio Neves	22	40.0
Dilma Rousseff	16	29.0
Fernando Haddad	09	16.4
José Serra	08	14.6
Total	55	100

Fonte: Elaboração própria.

<sup>5</sup> O debate entre Fernando Haddad e José Serra pode ser acessado em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1176189-leia-a-transcricao-do-debate-da-tv-globo-entre-candidatos-a-prefeito-de-sp.shtml>>. O debate entre Dilma Rousseff e Aécio Neves pode ser acessado em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/transcricao-debate-presidencial-2-turno.html>>.

Todas as ocorrências do *mas* marcam a relação de contra-argumento entre o constituinte textual que introduzem e informações ativadas no decorrer do debate e, por isso, previamente estocadas na memória discursiva dos interlocutores. Porém, por meio dessas ocorrências, os candidatos realizam manobras discursivas mais específicas, tais como *negar ou corrigir informação dada pelo interlocutor acerca do locutor* ou *devolver a mesma acusação feita pelo interlocutor*. Em virtude de seu impacto para o processo de figuração, essas manobras puderam ser separadas em dois grupos. O primeiro abarca as ocorrências do *mas* em que o conector é utilizado para sinalizar manobras por meio das quais o locutor ataca claramente o adversário. Por isso, esse grupo sinaliza manobras de heteroataque. Geralmente, nessas ocorrências, o ponto de vista que antecede o *mas* pode ser atribuído ao interlocutor (adversário), ao passo que o ponto de vista introduzido pelo *mas* é sempre aquele ao qual o locutor adere.

O segundo grupo corresponde às ocorrências do *mas* em que este exibe um funcionamento que não seria esperado em debates eleitorais. Essas ocorrências são empregadas para sinalizar manobras com as quais o locutor ataca a própria face, ao reconhecer uma falha de sua gestão, a insuficiência de ações realizadas ou a não-realização de ações em prol da população. Por isso, o segundo grupo sinaliza manobras de autoataque. Como veremos, com esse tipo de *mas*, o locutor se ataca para reivindicar um valor social positivo (humildade) e tentar levar o ouvinte a inferir que, se o candidato não pode concluir todas as ações em um mandato, ele precisa ser (re)eleito.

A tabela 2 apresenta os dois grupos mencionados, as manobras discursivas que correspondem a cada um deles, bem como o número de ocorrências de *mas* que sinaliza cada uma das manobras.

**Tabela 2** – manobras discursivas sinalizadas pelo *mas*

<b>Manobras discursivas de heteroataque</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Opor a gestão do locutor à do interlocutor ou de integrantes da coligação do interlocutor.	15	27.2
Revelar contradições entre atitudes tomadas pelo oponente em sua vida pública, criticando sua negligência ou sua incompetência.	10	18.1
Indicar mudança de tópico (marcador de estruturação da conversação).	6	11.0
Negar ou corrigir informação dada pelo interlocutor acerca do locutor.	3	5.5
Introduzir crítica ao interlocutor, crítica precedida de fórmula de polidez	2	3.6
Devolver a mesma acusação feita pelo interlocutor.	2	3.6
<b>Total parcial</b>	<b>38</b>	<b>69.0</b>
<b>Manobras discursivas de autoataque</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Especificar informação dada antes do conector acerca do programa de governo ou da gestão passada do locutor.	14	25.5
Revelar a consciência que o locutor tem dos problemas que deverá enfrentar, caso seja eleito.	3	5.5
<b>Total parcial</b>	<b>17</b>	<b>31.0</b>
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaboração própria.

Na sequência deste trabalho, tratarei de cada uma dessas manobras, focalizando, em especial, o papel que essas manobras e o conector que as sinaliza exercem no processo de figuração.

## Manobras de heteroataque

Nos debates estudados, o *mas* que sinaliza manobras de heteroataque apresentou número de ocorrências superior (38/69%) ao do *mas* que sinaliza manobras de autoataque (17/31%), o que se explica pelo fato de a característica central de um debate ser a disputa agressiva entre candidatos pelo voto do eleitor e não o reconhecimento de incapacidades.

Por meio do *mas* de heteroataque, o candidato articula o constituinte textual introduzido pelo conector a uma informação com origem na fala do adversário e retomada pelo candidato no constituinte que antecede o conector. Como ressaltado por Roulet (1999; ROULET et al., 1985), o *mas* que liga um constituinte textual a uma informação com origem na fala do interlocutor costuma ter uma natureza polêmica e agressiva, uma vez que, nesse caso, o locutor retoma a fala do outro para negá-la ou refutá-la, evidenciando que o argumento introduzido pelo *mas* é aquele que deve prevalecer ou ser digno de crédito. Assim, esse tipo de *mas* é bastante agressivo para as faces em jogo, uma vez que, com a informação que o conector introduz, o locutor, ao mesmo tempo, refuta os argumentos do outro e ataca sua face, já que a refutação dos argumentos alheios é uma forma de crítica. Portanto, o *mas* de heteroataque pode ser considerado uma estratégia de impolidez (CULPEPER, 2011; KERBRAT-ORECCHIONI, 2013).

Entretanto, essa análise geral do *mas* de heteroataque, a que subjazem basicamente os estudos clássicos de Ducrot acerca do *mas* (*mais*) (1987; DUCROT et al., 1980), omite informações relevantes sobre as manobras discursivas sinalizadas pelas ocorrências do *mas* no *corpus*, na medida em que essas ocorrências não apresentam o mesmo comportamento ou não produzem os mesmos efeitos no debate. Desse modo, para verificar o papel do *mas* no processo de figuração, essa descrição geral pode ser enriquecida com o estudo das manobras discursivas de heteroataque que os adversários políticos sinalizam por meio do *mas*.

A manobra mais recorrentemente sinalizada pelo *mas* é a de *opor a gestão do locutor à do interlocutor ou de integrantes da coligação do interlocutor*. Das 55 ocorrências identificadas no *corpus* 15 (27,2%) sinalizam essa manobra. Como revela este exemplo extraído da fala de Aécio Neves, o candidato, com o *mas*, articula uma crítica à adversária (todo o segmento que antecede o *mas*) e uma promessa (o segmento introduzido pelo *mas*).

- (3) **Aécio Neves:** A transposição do rio São Francisco, que levaria água para as regiões mais carentes do país. Era para ter ficado pronto em 2010, nós estamos em 2014 e aqueles que estão lá próximos das obras não acreditam mais que verão uma gota d'água. **Mas** eu, ao assumir a presidência da República, estejam certos que esta obra será concluída.

A agressividade que caracteriza o debate faz com que seja comum um candidato acusar o outro de incompetência. Como revela esse trecho, é recorrente a manobra por meio da qual um candidato emprega o *mas* para evidenciar a oposição entre duas formas de gestão, a do adversário, que seria marcada por atrasos na entrega de obras, e a sua, que seria marcada pelo compromisso com a conclusão de obras. No trecho, o candidato se refere a uma obra não concluída na gestão da adversária (a transposição do rio São Francisco) para prometer que, se eleito, vai concluí-la. Essa manobra é importante para o processo de figuração, uma vez que, com ela, o candidato busca atacar tanto a face da adversária, porque compromete sua imagem de gestora pública eficiente, quanto seu território, porque revela supostas evidências de sua incompetência ou fraqueza pessoal.

Semelhante a essa manobra é a de *revelar contradições entre atitudes tomadas pelo oponente em sua vida pública, criticando sua negligência ou sua incompetência*, manobra que, no *corpus*, foi sinalizada por 10 (18,1%) ocorrências do *mas*. Os dois trechos abaixo, retirados da fala de Fernando Haddad em momentos distintos do debate, ilustram bem essa manobra.

- (4) **Fernando Haddad:** Olha, há oito anos nós estamos aguardando providências que estão sendo anunciadas agora **mas** que não foram tomadas.
- (5) **Fernando Haddad:** São medidas simples que o Serra está anunciando, **mas** tiveram oito anos para fazer e não fizeram.

Ao realizar essa manobra, o candidato, no segmento que antecede o *mas*, retoma promessas feitas pelo adversário, para informar, no segmento introduzido pelo conector, que essas promessas são ações que já poderiam ter sido executadas pelo oponente, quando foi prefeito de São Paulo em mandatos passados. A repetição de intervenções como essas, ao longo de um debate, tem como fim negar as condições de felicidade (AUSTIN, 1962) das promessas de José Serra, lançando dúvidas sobre sua sinceridade e sua idoneidade. Com o *mas*, Fernando Haddad sinaliza a contradição entre o que o adversário diz em debates (suas promessas) e a forma como ele age no exercício de cargos públicos.

Essa mesma manobra de *revelar contradições entre atitudes tomadas pelo oponente em sua vida pública* ocorre no debate entre Dilma Rousseff e Aécio Neves. No trecho abaixo, bastante agressivo para a face do adversário, a candidata chama a atenção para a incoerência de Aécio Neves, que estaria escondendo atos corruptos de colegas de partido.

- (6) **Dilma Rousseff:** Candidato, se o senhor me responder por que é que o chamado mensalão tucano mineiro até hoje não foi julgado, por que é que o senhor Renato Azeredo, aliás, Eduardo Azeredo, pediu, pediu renúncia do seu cargo para o processo voltar para a primeira instância, o senhor estaria sendo de fato uma pessoa correta. **Mas** não, o senhor faz uma política e adota uma estratégia nesse debate que é uma estratégia estranhíssima.

Com o *não* introduzido pelo *mas*, a candidata se opõe à informação dada por ela antes do conector de que o adversário seria uma pessoa correta, se prestasse esclarecimentos sobre determinado episódio de corrupção (*mensalão mineiro*) envolvendo seu partido. Dessa forma, a candidata refuta não um discurso efetivamente produzido pelo adversário, mas um discurso potencial (ROULET, 1999) ou uma resposta que ela gostaria que o candidato tivesse dado.

As ocorrências do *mas* que sinaliza a manobra de *mudar o tópico* (*marcador de estruturação da conversação ou marcador conversacional*) são aparentemente menos agressivas para as faces envolvidas no debate do que as demais ocorrências. Isso porque, nessas ocorrências, o papel do *mas* seria o de atuar apenas na organização tópica do texto, indicando o fim de um tópico e a abertura de outro, bem como o estatuto hierarquicamente superior do segundo tópico em relação ao primeiro (ROULET et al., 1985; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Entretanto, tendo em vista que a (des) construção de imagens recíprocas numa interação é um fenômeno que afeta todos os elementos do discurso, esse *mas* também auxilia os candidatos a tentar atribuir valores sociais positivos a si e negativos ao outro, como mostram estas ocorrências empregadas pelo mesmo candidato, Aécio Neves.

- (7) **Dilma Rousseff:** Vocês [políticos do partido do adversário, PSDB] bateram recordes de desemprego, recordes de baixos salários, e quando o senhor se refere à inflação, estou falando do governo Itamar, e não do Fernando Henrique. **Aécio Neves:** Mais um engano da senhora, **mas** volto a Cuba que é a minha pergunta.
- (8) **Aécio Neves:** Candidata, muito confusa essa sua explicação. **Mas** eu vou voltar à questão central. A senhora então quer dizer que o PT controlou a inflação?

No constituinte que antecede o *mas*, o locutor critica a adversária, apresentando-a como alguém que se engana ou que dá respostas confusas ou inadequadas para o processo de negociação (*Mais um engano da senhora e Candidata e muito confusa essa sua explicação*). No constituinte textual que sucede o *mas*, o candidato introduz novo tópico (respectivamente, *financiamento de obras em Cuba e controle da inflação*), frustrando a expectativa criada pelo constituinte à esquerda do conector de que ele dará continuação à crítica e sugerindo não ter interesse nos erros ou enganos supostamente cometidos pela adversária. Assim, o locutor dá como certas as falhas ou fragilidades que atribui ao outro, mas sugere não ter o objetivo de desenvolver o ataque à sua face.

Nesse sentido, a intervenção formada por constituintes textuais articulados pelo *mas* marcador conversacional constitui uma estratégia importante de (des)construção das faces em jogo. Com seu emprego, o locutor sinaliza que a crítica dirigida à adversária não é o tópico central de sua intervenção, porque a subordina ao novo tópico introduzido pelo conector. Por isso, quando a adversária, alvo da crítica, toma a palavra na sequência do debate, não retoma a crítica para se defender. Afinal, reativar um tópico subordinado da fala do outro (a crítica) para fazer dele o tópico principal de

sua intervenção seria mostrar (ao eleitor) que a crítica tem importância e que rebatê-la é mais relevante do que tratar dos tópicos centrais da fala do oponente, aqueles que subordinaram a crítica: investimento em obras públicas e controle de inflação. Assim, no debate, o *mas* marcador conversacional coloca aquele que foi criticado numa situação embaraçosa. Rebater a crítica é dar importância a um tópico que o próprio adversário sinalizou como sendo secundário, mas não rebater a mesma crítica é permanecer com a face atacada (ultrajada) e aceitar a desonra.

Numa situação de ação em que ganha pontos aquele que melhor agride a face do adversário, a manobra de *negar ou corrigir informação dada pelo interlocutor acerca do locutor* pode ser usada com proveito pelos interlocutores, como neste trecho da fala de Aécio Neves.

(9) **Aécio Neves:** Eu não devia lhe corrigir em público, **mas** eu era líder do PSDB.

A correção, realizada no ato introduzido pelo *mas*, é anunciada no ato à esquerda do conector. O ato à esquerda pode ser interpretado como um pedido de desculpas indireto, parafraseável por *Peço desculpas por corrigi-la em público, mas...* Em sociedades como a nossa, a correção é vista como um ato bastante agressivo para a face positiva daquele que sofre a crítica (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, 2006; LEECH, 2014). Por isso, mesmo em debate eleitoral, a crítica pode ser precedida de procedimentos de suavização, que aparentemente teriam o poder de amenizar seu grau de agressividade (KERBRAT-ORECCHIONI, 2013).

No trecho em análise, o ato suavizador que antecede o conector (*Eu não devia lhe corrigir em público*) revela a consciência do candidato acerca de quão nociva é a crítica, sobretudo se esta é feita em público, já que a presença de plateia numa ocasião de ataque à face costuma aumentar os sentimentos de vergonha, constrangimento ou humilhação por parte daquele que sofre a crítica (GOFFMAN, 2011). Ao mesmo tempo e paradoxalmente, o mesmo ato suavizador revela a busca do candidato por fazer com que os espectadores entendam que o ato introduzido pelo *mas* é uma crítica, já que, na falta de um verbo que expresse sua força ilocucionária, o ato *era líder do PSDB* poderia ser compreendido como uma mera declaração e não como uma crítica. Assim, a força ilocucionária de crítica emerge da leitura ou audição de toda a intervenção e não apenas do ato introduzido pelo *mas*.

Semelhante a essa manobra é aquela em que o candidato *introduz crítica ao interlocutor, crítica precedida de fórmula de polidez*. O locutor inicia sua intervenção com um ato suavizador de pedido de desculpas que anuncia que o ato introduzido por *mas* é uma crítica e que apenas aparentemente atenua a agressividade da crítica. Assim como ocorre no trecho estudado anteriormente, neste Dilma Rousseff, que foi a única dos candidatos a realizar essa manobra, evidencia reconhecer o tabu que, em nossa sociedade, envolve a crítica, mesmo na situação de debate, em que o ataque às faces é uma expectativa.



- (10) **Dilma Rousseff:** Então, candidato, me desculpa, **mas** o senhor falou, falou e não apresentou nada de concreto. Nem no presente, agora, tampouco para o futuro.

Tendo em vista a natureza polêmica do debate, os candidatos podem desenvolver o processo de negociação por meio da troca de uma mesma acusação. Assim, uma manobra encontrada apenas no debate entre Dilma Rousseff e Aécio Neves é a de *devolver a mesma acusação feita pelo interlocutor*. Os dois trechos abaixo apresentam as ocorrências do *mas* presentes no *corpus* que sinalizam essa manobra “bumerangue”.

- (11) **Dilma Rousseff:** O senhor é o primeiro a falar em corrupção, **mas** eu posso enumerar todos os processos de vocês que nunca foram julgados e as pessoas estão soltas.
- (12) **Aécio Neves:** Se a senhora quer falar com o mensalão mineiro o chamado mensalão mineiro, vamos aguardar que ele seja julgado, **mas** a senhora agora comete um grave, talvez até uma... A senhora antecipou algo que possa, que pode amanhã lhe criar constrangimentos, porque o principal acusado do mensalão mineiro é o coordenador da sua campanha em Minas Gerais.

Nos dois trechos, para mostrar que o adversário não merece a confiança do eleitor, o candidato inicia a intervenção retomando a acusação de corrupção feita pelo adversário na intervenção imediatamente anterior. Após retomar a acusação, o candidato emprega o *mas* para já sinalizar ao ouvinte que deve ser negada qualquer inferência resultante da acusação, tal como *o adversário fez uma acusação justa* ou *o adversário, por fazer acusações contra corrupção, é honesto*. Com o *mas*, o candidato introduz a crítica por meio da qual completa o ataque à face do adversário, defendendo que este é quem deve dar explicações sobre corrupção.

## Manobras de autoataque

As ocorrências do *mas* de autoataque são menos frequentes do que as ocorrências do *mas* de heteroataque, porque constituem uma estratégia arriscada para um candidato participante de um debate eleitoral. Como exposto na tabela 2, 17/31% das ocorrências do *mas* nos dois debates correspondem ao *mas* de autoataque. Com as ocorrências desse *mas*, o candidato ataca a própria face, introduzindo, por meio do conector, falhas ou insuficiências de sua atuação como gestor público. Nos dois debates, esse tipo de *mas* ocorreu apenas nas falas dos locutores que, no momento do debate, eram os candidatos da situação, Dilma Rousseff e José Serra<sup>6</sup>. Algumas hipóteses explicam por que apenas os candidatos da situação sinalizaram com o *mas* a manobra de autoataque.

---

<sup>6</sup> Em 2014, Dilma Rousseff buscava o segundo mandato presidencial. Em 2012, José Serra tentava voltar à prefeitura de São Paulo, cujo prefeito à época era Gilberto Kassab, então correligionário político de Serra.

Empregando a estratégia de se autoatacar, o candidato da situação traz justificativas para se manter (Dilma Rousseff) ou voltar (José Serra) ao poder. Afinal, se o candidato, por motivos que independem de sua vontade e não por incompetência, como cada candidato evidencia explícita ou implicitamente, não conseguiu realizar todas as ações que deveria ter feito, o eleitor precisa votar nele. Só assim, com o eleitor permitindo que o candidato permaneça ou volte ao poder, este poderá realizar as ações.

É preciso considerar ainda o fato de que o candidato da situação está numa posição, até certo ponto, desfavorável em relação ao da oposição. Como o candidato da situação já cumpriu um mandato, sua gestão é amplamente conhecida, suas ações foram divulgadas (atacadas e defendidas) na mídia, suas decisões foram alvo do ataque da oposição no período do mandato e suas fragilidades enquanto gestor público foram expostas, atacadas e amplificadas por opositores, bem como justificadas, defendidas e minimizadas por partidários. Quanto ao candidato da oposição, mesmo que tenha exercido outros cargos públicos, as qualidades e as fraquezas de sua gestão se encontram menos em evidência, no momento do debate, do que as do oponente. É o que ocorre nos debates integrantes do *corpus*. As realizações e as limitações de Dilma Rousseff e José Serra, candidatos da situação, estavam em maior evidência na ocasião e, por isso, foram constantemente tematizadas ao longo dos debates<sup>7</sup>.

Sendo assim, realizar a manobra do autoataque nessa situação de ação constitui uma estratégia engenhosa, por meio da qual os candidatos da situação se antecipam às críticas que poderão ser feitas pelos adversários. Antecipando-se às críticas, é possível reconhecer a existência de falhas, mas principalmente justificá-las e explicar por que e em que a gestão falhou.

Além disso, embora a estratégia do autoataque seja arriscada, um efeito importante pode ser alcançado com seu emprego. Autoatacando-se, o locutor pode ser visto pelos eleitores como um candidato humilde, que não se vangloria de suas ações passadas e que sabe que nenhum gestor público pode, em um mandato, resolver todos os problemas da cidade ou do país. Assim como ocorre na nossa sociedade, em muitas a humildade constitui um valor social positivo, o que faz Kerbrat-Orecchioni (1992, 2006) dizer que nossas interações sociais seriam pautadas por uma *lei de modéstia*, lei comprovável pelo tabu que cerca o autoelogio. É também o valor atribuído à humildade que fez Leech (1983, 2014) incluir a *máxima da modéstia* entre suas máximas de polidez. Conforme Leech, a tendência dos integrantes de sociedades (ocidentais e orientais) a evitar a discordância ou a ofensa, atendendo ao Princípio de Polidez, faz com que o sujeito minimize o agrado para o eu e maximize o desagrado para o eu, produzindo atos de autodesvalorização.

Com base nas hipóteses levantadas para a realização da estratégia de autoataque pelos candidatos da situação, verifica-se que o autoataque não deve ser entendido como um ato genuíno de altruísmo ou abnegação, já que sua produção pode ser uma

---

<sup>7</sup> Essa diferença de *status* entre os candidatos explica por que, ao longo de um debate, o candidato da situação costuma assumir uma postura mais defensiva, enquanto o candidato da oposição costuma assumir uma postura mais combativa (FIGUEIREDO et al., 1997; CUNHA, 2015).

estratégia do locutor para construir uma imagem favorável de si. A meu ver, é o que ocorre no debate eleitoral.

As ocorrências do *mas* desse segundo grupo sinalizam basicamente duas manobras discursivas de autoataque. A primeira, que é sinalizada pela maior parte das ocorrências do *mas* de autoataque (14/25,5%), é a de *especificar informação dada antes do conector acerca do programa de governo ou da gestão passada do locutor*. Nas ocorrências abaixo extraídas dos dois debates, os candidatos empregam o *mas* para sinalizar que reconhecem que precisam fazer mais do que fizeram.

- (13) **José Serra:** Além disso, para as mães que estiverem na fila esperando vaga em creche, foram feitas 150 mil vagas **mas** não deram conta, nós vamos dar uma bolsa, uma bolsa creche de 200 reais até que abra uma vaga para o bebê.
- (14) **Dilma Rousseff:** Nós conseguimos um avanço nos últimos quatro anos [no investimento em esgoto tratado], **mas** esse avanço ainda não é suficiente porque durante muitos anos nesse país não se investiu em esgoto tratado.

Na fala de José Serra, o segmento que antecede o *mas* traz a informação de que foram criadas 150 vagas em creches de São Paulo. Com o ato introduzido por *mas* (*não deram conta*), o candidato reconhece que o número de vagas criadas é insatisfatório, contrapondo-se à inferência que o ouvinte poderia extrair do segmento à esquerda do conector de que as 150 vagas criadas foram suficientes. Para convencer o eleitor de que sua volta à prefeitura é necessária, o candidato faz dos atos articulados pelo *mas* o argumento para o segmento conclusivo: *nós vamos dar uma bolsa, uma bolsa creche de 200 reais até que abra uma vaga para o bebê*, o que só pode acontecer se o candidato for eleito. É como se o candidato dissesse ao eleitor: *reconheço que ainda há problemas a ser solucionados. Por isso, você deve me eleger*.

Na fala de Dilma Rousseff, o segmento que antecede o *mas* traz um autoelogio sobre suas ações no investimento em esgoto tratado (*Nós conseguimos um avanço nos últimos quatro anos*). No ato introduzido pelo *mas* (*esse avanço ainda não é suficiente*), a candidata reconhece que o que fez não foi suficiente. Assim como ocorre na fala de José Serra, Dilma Rousseff, com o ato introduzido pelo *mas*, se contrapõe à inferência que o ouvinte poderia extrair do segmento à esquerda do conector de que, em sua gestão, foi suficiente o avanço na universalidade de esgoto tratado. Como argumento para justificar a insuficiência de sua ação, a candidata informa que governantes que a precederam não investiram em esgoto (*porque durante muitos anos nesse país não se investiu em esgoto tratado*). Dessa forma, para não sofrer o ônus do autoataque, a candidata divide a responsabilidade pelos problemas de saneamento básico com outros governantes.

A outra manobra de autoataque realizada pelos candidatos e sinalizada pelo *mas* é a de *revelar a consciência que o locutor tem dos problemas que deverá enfrentar, caso seja eleito*. Nessas ocorrências, o constituinte introduzido pelo *mas* revela que o

candidato está disposto a enfrentar os desafios que o cargo político implica. É o que exemplifica este trecho retirado da fala de José Serra.

- (15) **José Serra:** São Paulo é uma cidade rica, vibrante, **mas** com muitos problemas, está cheia de problemas. E eu estou pronto para enfrentar esses problemas, com a minha capacidade de fazer acontecer, com o meu sentido de justiça social, com a integridade de mim e da minha equipe, estou pronto para fazer isso.

Nesse trecho, o autoataque sinalizado pelo *mas* é menos evidente do que o realizado nos exemplos anteriores. No contexto do debate de que José Serra participa, o ato introduzido pelo *mas* (*com muitos problemas, está cheia de problemas*), mencionando problemas existentes em São Paulo, pode ser entendido como um autoataque. Em outros termos, é possível atribuir a esse ato a força ilocucionária de (auto)crítica. Afinal, o candidato reconhece a existência de problemas que, no entanto, não resolveu quando foi prefeito. Tanto é assim que seu adversário, Fernando Haddad, o acusa várias vezes de prometer que vai resolver problemas que já poderia ter resolvido, como neste trecho já analisado neste trabalho: *São medidas simples que o Serra está anunciando, mas tiveram oito anos para fazer e não fizeram*. Mas, mesmo sendo possível interpretar o ato introduzido pelo *mas* como (auto)crítica, José Serra apenas menciona os problemas existentes em São Paulo para sustentar a ideia de que está preparado para enfrentá-los (*E eu estou pronto para enfrentar esses problemas*). É, portanto, em benefício de sua própria face que o candidato realiza a manobra de autoataque.

## Considerações finais

O presente estudo buscou trazer evidências de que os conectores, por sinalizarem manobras discursivas, podem atuar como estratégias discursivas de primeira importância, exercendo papel fundamental na maneira como os interlocutores desenvolvem o processo de figuração. Para investigar o papel dos conectores nesse processo, esta pesquisa se pautou em uma concepção interacionista dos conectores, concepção que amplia visões mais fortemente estruturalistas ou cognitivistas. Na perspectiva aqui adotada, a análise dos conectores não se deve esgotar no estudo da maneira como indicam a hierarquia dos constituintes do texto ou no estudo das instruções que oferecem ao leitor ou ouvinte sobre como articular informações, atos de fala, argumentos e conclusões.

Mais do que isso, os conectores são concebidos como sinalizadores das manobras discursivas realizadas pelo locutor em sua tentativa de produzir uma intervenção que, dadas as particularidades da situação de ação de que participa, possa ser considerada pelo interlocutor como suficientemente adequada e completa para o desenvolvimento do processo de negociação. Nesse sentido, os conectores sinalizam o esforço do locutor para, no diálogo com o interlocutor, alcançar a completude monológica. Ao mesmo tempo, na dinâmica interacional que ajudam a construir, os conectores podem ser usados

pelo locutor para sinalizar que a intervenção produzida previamente pelo interlocutor não é suficientemente adequada e completa para o desenvolvimento do processo de negociação, não atendendo à restrição de completude monológica.

Focalizando o uso do *mas* em debates eleitorais, procurei trazer evidências de que o locutor, ao realizar manobras discursivas, busca agredir a face do outro, atribuindo a ele valores sociais negativos, e agredir ou reparar a própria face, atribuindo a si valores sociais negativos ou positivos, respectivamente. Assim, ao produzir uma intervenção, o candidato realiza manobras discursivas, tais como as de *introduzir crítica ao interlocutor*; *crítica precedida de fórmula de polidez* e de *devolver a mesma acusação feita pelo interlocutor*. Realizando essas manobras e sinalizando-as por meio do *mas*, o candidato evidencia para o adversário, mas sobretudo para os espectadores (eleitores) sua busca por construir uma intervenção suficientemente completa para o processo de negociação e por revelar que as manobras realizadas pelo adversário, quando produziu sua intervenção, não foram adequadas para o mesmo processo.

Porque o processo de negociação e o processo de figuração estão profundamente articulados, as manobras realizadas pelo candidato para sinalizar sua busca por atender à completude monológica (processo de negociação) permitem a ele fazer a gestão de faces e territórios em jogo (processo de figuração), tentando reivindicar valores sociais positivos para si – honestidade, competência – e atribuir valores sociais negativos ou desvalorizantes ao adversário – desonestidade, incompetência. Desse modo, com o *mas* em que o candidato sinaliza manobras de ataque ao adversário (*mas* de heteroataque), é possível ao candidato tentar construir uma imagem desfavorável do outro e favorável de si. Já com o *mas* em que o candidato sinaliza manobras em que se ataca (*mas* de autoataque), é possível ao candidato, atacando-se, atribuir a si valores como humildade e modéstia, bem como se antecipar a futuras críticas do adversário, justificando-as.

Como exposto na introdução, este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla que tem investigado o papel de diferentes relações de discurso no processo de figuração característico de diversas situações de ação (cf. nota 2). Combinados aos resultados já obtidos em pesquisas anteriores, os alcançados neste estudo têm o potencial de contribuir para a elaboração de uma abordagem global que forneça instrumentos teóricos e metodológicos pertinentes para o estudo do papel da articulação textual e de suas marcas na co-construção de imagens identitárias.

CUNHA, G. The role of connectors in the co-construction of identity images: the use of the *mas* in electoral debates. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.3, p.599-623, 2017.

- *ABSTRACT: This study is part of a broader research whose purpose is to investigate whether the establishment of discourse relations and its marking through connectors have implications for the co-construction of identity images. Looking for additional evidence for this research and adopting contributions from the Modular Approach to Discourse Analysis, this paper studies the connector mas employed by candidates for public office in two electoral debates, one*

*municipal and the other presidential. The objective is to verify to what extent mas, in signaling the discursive maneuvers performed by the candidates, is an important piece in the game through which they (de)construct identity images. Analysis revealed that the 55 occurrences of the connector signaled two groups of discursive maneuvers. By using the mas through which the candidate signals maneuvers of attack to the opponent (mas for hetero-attack), he tries to construct an unfavorable image of the other and a favorable one of himself. But by using the mas through which the candidate signals maneuvers in which he attacks himself (mas for self-attack), he tries to attribute to himself values such as humility and modesty, as well as anticipate future criticism from the adversary.*

- **KEYWORDS:** Connector mas. Figuration process. Negotiation process.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Z. G. O. Diálogos da mídia – o debate televisivo. In: PRETI, D. (Org.). **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2008. p.171-194.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BARROS, D. L. P. A provocação no diálogo: estudo da descortesia. In: PRETI, D. **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008. p.89-124.

BROWN, P. Politeness and language. In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. (Ed.). **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**. Amsterdam; New York: Elsevier, 2015. v.18, p.326-330.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language use. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CULPEPER, J. Politeness and impoliteness. In: AIJMER, K.; ANDERSEN, G. (Org.). **Handbooks of Pragmatics: Sociopragmatics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. v.5, p.391-436.

CUNHA, G. X. Conectores e processo de negociação: uma proposta discursiva para o estudo dos conectores. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, n.14, p.1699-1716, 2017.

CUNHA, G. X. Estudo da negociação de faces em debate eleitoral: o papel das relações retóricas. **Estudos Linguísticos**, Campinas, v.45, n.3, p.815-829, 2016a.

CUNHA, G. X. Análise de uma cartilha institucional em uma abordagem modular da complexidade do discurso. **Revista do GEL**, Campinas, n.13, p.31-55, 2016b.

CUNHA, G. X. **O papel das relações retóricas na negociação de faces em debate eleitoral**. 2015. 170f. Relatório de pesquisa (Pós-Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CUNHA, G. X. As relações retóricas e a negociação de faces em debate eleitoral. **Confluência**, Rio de Janeiro, n.47, p.205-238, 2014.

CUNHA, G. X. **A construção da narrativa em reportagens**. 2013. 601f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CUNHA, G. X. A função de conectores argumentativos no texto da proposta curricular de Minas Gerais. **Alfa**, Araraquara, n.54, p.203-222, 2010.

CUNHA, G. X.; BRAGA, P. B. O comentário metadiscursivo como estratégia argumentativa em debates eleitorais. **EID&A: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.12, p.101-118, 2016.

CUNHA, G. X.; MARINHO, J. H. C. A expressão conectiva na verdade: contribuições para uma abordagem polifônica dos conectores reformulativos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v.42, p.53-64, 2017.

DUCROT, O. Argumentation rhétorique et argumentation linguistique. In : DOURY, M.; MOIRAND, S. (Org.). **L'argumentation aujourd'hui: positions théoriques en confrontation**. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2005. p.17-34.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, O. et al. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.

FIGUEIREDO, M. et al. Estratégias de persuasão eleitoral: uma proposta metodológica para o estudo da propaganda eleitoral. **Opinião Pública**, Campinas, v.4, p.182-203, 1997.

FILLIETTAZ, L. La place du contexte dans une approche praxéologique du discours: le cas de l'argumentation dans les interactions scolaires. **Pratiques**, Metz, n.129, p.71-88, 2006.

FRASER, B. Perspectives on politeness. **Journal of Pragmatics**, Brisbane, n.14, p.219-236, 1990.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOFFMAN, E. **La mise en scène de la vie quotidienne**: les relations em public. Paris: Les Éditions de Minuit, 1973. v.2.

KASPER, G. Linguistic politeness: current research issues. **Journal of Pragmatics**, Brisbane, n.14, p.193-218, 1990.

- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Politeness, impoliteness, non-politeness, “Polirudeness” The Case of Political TV Debates. In: JAMET, D.; JOBERT, M. (Org.). **Aspects of linguistic impoliteness**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2013. p.16-45.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les actes de langage dans le discours: théorie et fonctionnement**. Paris: Armand Colin, 2005.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Paris: Colin, 1992.
- LAKOFF, R. What you can do with words: politeness, pragmatics and performatives. In: ROGERS, A.; WALL, B.; MURPHY, J. P. (Org.). **Proceedings of the Texas Conference on performatives, presuppositions and implicatures**. Arlington: Center for Applied Linguistics, 1977. p.94-120.
- LANNA, M. A. L. **Ação, experiência e discurso: a gestão da mudança na hipnoterapia**. 2005. 350f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- LEECH, G. N. **The pragmatics of politeness**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- LEECH, G. N. **Principles of pragmatics**. Londres: Longman, 1983.
- MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. **Discourse Processes**, Philadelphia, v.9, n.1, p.57-90, 1986.
- MARINHO, J. H. C.; CUNHA, G. X. Os conectores como sinalizadores do processo de negociação: uma abordagem cognitivo-interacionista. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v.9, p.75-94, 2015.
- MOESCHLER, J. Connecteurs pragmatiques, inferences dirrectionnelles et representations mentales, **Cahiers Chronos**, Leiden, v.12, p.35-50, 2005.
- OLIVEIRA, T. P. Condicionais, atenuação e polidez: um estudo das estratégias comunicativas das condicionais. **Alfa**, Araraquara, v.49, n.1, p.123-137, 2005.
- PIRES, M. S. O. **Estratégias discursivas na adolescência**. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.
- REBOUL, A.; MOESCHLER, J. **Pragmatique du discours: de l’interprétation de l’énoncé à l’interprétation du discours**. Paris: Armand Colin, 1998.
- ROULET, E. The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. In: FISCHER, K. (Ed.). **Approaches to discourse particles**. Amsterdam: Elsevier, 2006. p.115-131.



ROULET, E. Une approche modulaire de la problematique des relations de discours. In: MARI, H. et al. **Análise do discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. p.149-178.

ROULET, E. **La description de l'organisation du discours**. Paris: Didier, 1999.

ROULET, E. Variations sur la structure de l'échange langagier dans différentes situations d'interaction. **Cahiers de linguistique française**, Genebra, n.9, p.27-37, 1988.

ROULET, E. Échanges, interventions et actes de langage dans la structure de la conversation. **Études de Linguistique Appliquée**, Paris, n.44, p.7-39, 1981.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. **Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours**. Berne: Lang, 2001.

ROULET, E. et al. **L'articulation du discours en français contemporain**. Berne: Lang, 1985.

RUFINO, J. A. **As minhas meninas**: análise de estratégias discursivas em canções buarqueanas produzidas no período da Ditadura Militar. 2011. 337f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, L. A. Descortesia e (des)construção da imagem pública. In: PRETI, D.; LEITE, M. Q. (Org.). **Comunicação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2013. p.93-120.

SIMUNIC, Z. **Une approche modulaire des stratégies discursives du journalisme politique**. 2004. 380f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Genebra, Genebra, 2004.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance**: communication and cognition. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1995.

TERKOURAFI, M. Beyond the micro-level in politeness research. **Journal of politeness research**, Sheffield, n.1, p.237-262, 2005.

TOMAZI, M. M.; MARINHO, J. H. C. Discurso jurídico e relações de poder: gestão de faces e territórios. **(Con)textos Linguísticos**, Vitória, n.8, p.245-278, 2014,

VION, R. **La communication verbale**: analyse des interactions. Paris: Hachette, 1992.

Recebido em janeiro de 2017

Aceito em junho de 2017

